



RONDON, O MENSAGEIRO DA REPÚBLICA

Cel Com Gema Elmo Figueiroa Silvado

Estamos no ano de 1977; há cento e doze anos passados, no dia 5 de maio de 1865, nascia no pequeno povoado de MIMOSO, nas cercanias de CUIABÁ — MT, o menino CÂNDIDO MARIANO DA SILVA, que mais tarde aporia a palavra RONDON ao próprio nome numa homenagem sentimental, humana e compreensível, ao tio que o criara e o levava da segunda infância à puberdade, colocando-o em condições de enfrentar os primeiros embates do mundo em que iria viver.

Diga-se, a bem da justiça, que esse era também um nome de família a que ele tinha direito por parte de sua avó, MARIA ROSA RONDON, descendente de espanhóis estabelecidos em SÃO PAULO, desde a época da unificação dos tronos ibéricos de PORTUGAL e ESPANHA sob o cetro de FELIPE II.

Sua primeira infância, ele a passara com o seu avô materno, JOSÉ LUCAS EVANGELISTA, que o acolhera na idade de dois anos e meio, quando o menino MARIANO, que já ficara órfão de pai cerca de cinco meses antes de seu nascimento, vem a perder a sua mãe, CLÁUDIA LUCAS EVANGELISTA. Não esqueceria RONDON, jamais, esse período de sua existência vivida na singeleza campestre e na rusticidade do ambiente de vaqueiros e peões. O seu sangue índio, recebido de ascendência paterna e materna para orgulho seu, fazia com que ele se sentisse integrado ao ambiente em que nascera, e que o tornava sadio e robusto em suas traquinagens de criança.

É interessante observarmos que, quando mais tarde ele é tornado Patrono da Arma de Comunicações, um dos considerandos do Decreto diz: "... que há no desempenho . . . farta messe de belos exemplos para os militares dessa Arma, tais como a resistência física . . . a coragem, . . . etc".

Foram os campos do MIMOSO, fora a sua ligação sanguínea com os BORRÓS, GUANAS e TERENAS, os responsáveis, certamente, pela sua higidez física, bem como pela dosagem que deram ao seu caráter persistente e tenaz.

RONDON, sem dúvida, fora um predestinado. Há ainda, um outro episódio no alvorecer de sua existência que merece ser meditado. Aos sete anos de idade é levado para a companhia do seu tio e tutor, MANOEL RODRIGUES DA SILVA, para viver em CUIABÁ, cidade de maiores recursos, atendendo ao apelo do pai de RONDON que, ao sentir-se gravemente enfermo, formulara ao mano o desejo de ver o seu futuro rebento educado num centro com melhores possibilidades de ensino, particularmente se ele fosse um menino. Vem daí a recomendação paterna, antes mesmo do nascimento do menino CÂNDIDO MARIANO:

"Instrua-o, para que ele possa servir à sua terra".

Atentemos para o desprendimento pessoal, a abnegação e a dedicação ao bem comum, que vêm formulados no bojo desse pedido, já que o objetivo dos ensinamentos que o filho viesse a receber, deveriam ser destinados a bem servir à sua terra natal!

Disse RONDON à sua extraordinária e fidelíssima biografa ESTER DE VIVEIROS: "Desde muito cedo, fiz convergir todas as minhas faculdades para o ideal de servir à humanidade, servindo à pátria e à família, porque se dilataria em mim o pensamento do meu pai — Instrua meu filho, para que ele possa servir à sua terra! — pensamento esse que guardei no fundo do meu coração, como um precioso e inesgotável estímulo".

RONDON, sem dúvida, fora um predestinado!

Encontrou o jovem matogrossense na cidade de CUIABÁ, a partir de 1873, os ensinamentos culturais e educacionais, que lhe poderiam aplacar os primeiros anseios do saber. Seguidamente, na escola particular de mestre CRUZ, no colégio estadual do professor JOÃO BATISTA DE ALBUQUERQUE e no Liceu Cuiabano, preparou-se RONDON, moral e intelectualmente, para seguir o destino que lhe confiaram os céus.

Habilita-se aos 16 anos para as funções de professor e, como era lógico de acontecer a tão sequioso espírito, os ensinamentos acumulados também lhe vieram dar um novo dimensionamento do mundo, do seu mundo, e os horizontes da branca cidade de sua infância, de repente, lhe pareceram estreitos e, conquistadas, as suas cidadelas do saber, particularmente no que constituía a sua grande motivação: as ciências matemáticas.

Acalenta o desejo de vir para a capital do Império; solicita, então, o consentimento do seu tio que o concede, temeroso embora, pela sorte daquele diamante ainda mal lapidado, que iria em busca da cidade grande. Assenta praça em 26 de novembro de 1881 e empreende, o jovem professor matuto, a sua viagem para a Corte, descendo o Rio PARAGUAI e o estuário do PRATA até BUENOS AIRES e

daí, por mar, chega ao RIO DE JANEIRO no dia 31 de dezembro de 1881. Seu objetivo: a Escola Militar da Praia Vermelha.

Não creio que tenha sido a falta de recursos financeiros, para seguir outra carreira civil, que tenha influenciado no seu desejo de ser oficial do Exército e na sua conseqüente transferência para a capital do Império; pois seria uma causa pequena demais para a tenacidade de seu caráter, e que seria facilmente superada, caso sua decisão fosse ser bacharel, médico ou engenheiro. Acredito, sim que tenha sido mais uma impulsão, que o Destino dava ao seu predestinado eleito, no sentido da trilha de sua grandeza futura.

Transcorreu com algumas adversidades a sua atribulada matrícula na desejada Escola Militar, efetuada em 1884, estando RONDON com a idade de 19 anos. Longe do seu rincão familiar, não teve o jovem aluno o apoio de um ambiente doméstico para seus lazeres. O seu parco soldo de desarranchado não lhe permitia, senão, uma vivência sóbria e modesta. Assim, conheceu poucas distrações, dedicando a totalidade do seu tempo ao estudo, e a conviver com um grupo seletivo de colegas, de cujos ideais, abolicionistas e republicanos, viria a participar.

O esforço dispendido no estudo, nas aulas e exercícios militares, pois já adquirira o hábito de ser madrugador, acordando às quatro horas da manhã, além das possíveis deficiências alimentares, acabaram por abalar gravemente a saúde do rígido cadete. A tal ponto chegou a perturbação gastrointestinal que o acometera, que o seu médico, já sem esperanças de recuperá-lo, lhe permitiu satisfazer o que julgava ser a sua última vontade: — comer abacaxil

O milagre aconteceu! As suas surpreendentes melhoras indicaram ao médico o tratamento a seguir — frutas. E assim foi feito. Dentro em breve voltava RONDON às suas atividades normais com redobrada energia e ardor incomum.

Poderemos dizer que RONDON padecera de uma carência alimentar, reclamada pelo sangue índio que lhe corria nas veias, gritada pelos seus pulmões inflados na infância pelos ares das matas do seu querido MIMOSO! Era como que uma desejada volta à selva! E, de fato, se atentarmos que o abacaxi, o nosso "ananas sativus", é um fruto genuinamente brasileiro, de onde se espalhou para outras partes do mundo, o que constituía uma das três frutas silvestres de maior consumo pelos indígenas que aqui viviam, facilmente compreenderemos que aquele bugre imaturo alimentado a pão e feijão tivesse necessidade, para o equilíbrio de suas energias orgânicas, de um alimento tradicionalmente familiar à sua textura física.

Recuperado, volta RONDON aos seus afazeres no estudo, na revista da Escola e no convívio com os seus colegas, destacando-se LUIS PONCE, matogrossense como ele, e que lhe chamara a atenção para as aulas do mestre BENJAMIM CONSTANT, sobre quem, mais tarde, assim se expressaria RONDON:

- "Foi um deslumbramento, para mim, o contato com o inolvidável mestre BENJAMIM CONSTANT. Constituíam suas aulas verdadeiras exposições filosóficas".

Eram as idéias da abolição e da república que, através de um pugilo de militares, jovens alguns e amadurecidos outros, ganhavam os últimos retoques para as suas vitórias definitivas.

Terminou RONDON, com distinção, em 1887, o terceiro ano da Escola Militar. Adepto fervoroso dos ideais de JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADE E SILVA, dedicado arauto da fraternidade humana, da liberdade dos negros e da proteção aos índios, participava RONDON da angústia geral da população brasileira, ao ver o retardamento de uma medida que já estava aprovada pelo consenso público — a abolição da escravatura. Alegrou-se com a atitude histórica tomada pelo Clube Militar ao adotar a legenda abolicionista, dando lugar a que DEODORO, numa petição à Princesa Imperial, colocasse fora das missões do Exército a atividade de recapturar os escravos foragidos de seus senhores. Era outubro de 1887.

Bem cedo, o sol do dia 13 de maio de 1888 iluminou os céus e os corações dos brasileiros, refletindo os seus raios dourados na dourada Lei que ISABEL, a Rentora, promulgara.

Fora um triunfo brilhante e decisivo da opinião pública nacional, como diria MIGUEL LEMOS, que acrescentaria, ainda: "Foi entre flores e ovações, ao som de cantos festivos e da aclamação popular, que se vibrou o último golpe contra a infame instituição, cuja existência nos fazia corar. Pode-se dizer que, nesse episódio, o governo não fez senão levar ao parlamento, para o promulgar em seguida, um decreto lavrado, muito antes, pela opinião pública brasileira".

Criada ainda nesse ano, 1888, a Escola Superior de Guerra, nela foi mandado matricular, juntamente com outros oficiais, o Alferes-aluno CÂNDIDO MARIA-NO DA SILVA RONDON, que continuaria a ter como mestre o insigne BENJAMIM CONSTANT, ídolo da veneração da mocidade militar daquela época, e que vinha já, sobre sucessivas gerações de oficiais, entre eles DEODORO e FLORIANO, exercendo uma profícua e convincente pregação idealística.

Abolida a escravatura, a república, sua consequência lógica, não tardaria a chegar. Pois, como escreveu TEIXEIRA MENDES, em novembro de 1888, e repetiu um ano depois ao Gen DEODORO DA FONSECA: "Para nós é fora de dúvida que a monarquia será eliminada, ainda que se indenizem os ex-senhores de escravos; porque, repetimos, a fraqueza dessa instituição, entre nós, não proveio da Lei de maio do corrente ano, e sim de nossos antecedentes históricos".

Contudo, admitia o mesmo TEIXEIRA MENDES, a manutenção da monarquia, até aquela data, representava apenas a defesa de certos interesses egoístas, que se resumiam na exploração da escravatura. Abolida esta, completava, "nenhuma outra consideração existe, ligando o trono à população atuante do país".

De fato, rompido esse último elo, ficou o Império à mercê dos republicanos, cuja ideologia, contagiante pela justeza de propósitos, já atingira as raízes da opinião nacional e as próprias Forças Armadas do Brasil. A república surgiu em todos os cérebros como uma transformação iminente que, quando muito, só esperaria

Rondon, o Mensageiro da República

a morte do monarca, apesar de tudo, estimado. E, para robustecer essas disposições subversivas, vinha-se aproximando o centenário da grande Revolução Francesa — 1889 iria começar cheio de dantescas recordações e significativas esperanças.

Cresce em torno de BENJAMIM CONSTANT o entusiasmo dos seus discípulos a cujos ideais republicanos o mestre iria, em breve, corresponder. No dia 26 de outubro de 1889, depois de terminada a sua aula na Escola Superior de Guerra, ele recebe por parte dos oficiais e alunos da Escola, da qual era RONDON Alferes-aluno, uma jubilosa manifestação, por ter aquele mestre defendido, três dias antes, na presença do então Ministro da Guerra, os direitos e os brios das Forças Armadas nacionais.

Contando com o apoio irrestrito de todos os seus discípulos da Escola Militar e da Escola Superior de Guerra, e de inúmeros companheiros de farda, inicia BENJAMIM CONSTANT, nos primeiros dias de novembro de 1889, os contatos definitivos visando a convencer os chefes do Exército e a ter assegurado o concurso da Marinha, conseguindo, assim, chamar ao partido da rebelião um número significativo de seus camaradas.

Chega o dia 15 de novembro de 1889. Madrugada, ainda, e vai RONDON reunir-se a seus camaradas no quartel do 2º Regimento de Artilharia, convocados que foram pelo major SOLON. Assume BENJAMIM CONSTANT o comando da chamada "Brigada Estratégica", que deveria marchar para o Campo da Aclamação, em frente ao Quartel General. Era preciso agora confirmar junto ao Almirante WANDENKOLK os entendimentos havidos, e informar à Marinha o desenrolar dos acontecimentos e o que se pretendia fazer. Escolhe BENJAMIM CONSTANT, para levarem essa mensagem das tropas republicanas, dois de seus mais chegados e convictos discípulos: TASSO FRAGOSO e CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON.

Ainda pela madrugada do dia 15, de posse da mensagem republicana, saem os dois jovens a cavalo, desde SÃO CRISTOVÃO até o Clube Naval no Largo do Rocio, onde cumprem eficientemente a missão, transmitindo, também, no regresso, as instruções ao 7º Batalhão de Infantaria, aquartelado na região do Morro de Santo Antônio. Chegando de volta à sua tropa, informaram os jovens militares a seu chefe os entendimentos que fizeram. Em seguida, incorporaram-se ao seu regimento, marchando com ele para a gloriosa epopéia da Proclamação da República.

Já disse que o nosso Patrono das Comunicações fora um predestinado! Agora, nesse episódio da Proclamação da República, mais uma vez verificamos isso, ao constatarmos que a mão do Destino viera colocar o nosso enaltecido CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON, o futuro Patrono das Comunicações, como — o Primeiro Mensageiro da República!

RONDON fora, sem dúvida, um predestinado!

Concluídos os cursos militares em 1890, recebe RONDON os diplomas de Engenheiro Militar e Bacharel em Matemática e Ciências Físicas e Naturais. Foi

promovido a 1º tenente por serviços relevantes e inicia, o Mensageiro da República, a fase de maior significação de sua vida pública a serviço da Pátria. Segue para o Estado de MATO GROSSO, sob as ordens de GOMES CARNEIRO, para trabalhar na Comissão Construtora da Linha Telegráfica CUIABÁ – ARAGUAIA, trabalho pioneiro que a República encetaria para penetração no sertão, como um fator positivo de segurança e integração da terra brasileira.

Voltava, assim, RONDON à selva de sua infância e teria início a sua epopéia de bandeirante, desbravador e civilizador de sertões!

Inicialmente, são 514 km de linhas telegráficas que são estendidas em tempo recorde: – 90 dias. Era o primeiro fio telegráfico que se instalava nos ainda inóspitos sertões de MATO GROSSO, sob o espanto e a compreensível hostilidade dos índios. Começa, também, RONDON a preocupar-se com a pacificação dos silvícolas e a sua proteção, reconhecendo neles os verdadeiros senhores da terra que palmilhavam.

Em 1892, credenciado pela sua capacidade de trabalho, iniciativa e coragem, demonstradas na primeira empresa, foi o Capitão RONDON nomeado Chefe do 16º Distrito e Inspetor Permanente dos Destacamentos Militares situados ao longo da linha telegráfica. Foram sete anos de um profícuo trabalho, diuturno e incansável, na reconstrução, manutenção e melhoramentos dos trechos instalados.

Cada tarefa vencida por RONDON era uma nova credencial para a empresa seguinte. Quem tinha por lema, como nos ensina ALMICAR BOTELHO, a legenda de “Vencer, mesmo o impossível!”, cedo veria outra missão gigantesca ser-lhe atribuída: – fechar nas malhas do telégrafo os pontos mais importantes de nossa fronteira oeste – BELA VISTA, PORTO MURTINHO, CORUMBÁ, COIMBRA e CÂCERES – ligando-os a CUIABÁ e ao RIO. Os trabalhos foram iniciados em 1900, chefiados diretamente por RONDON e, vencidas as inúmeras dificuldades que tornavam esse projeto quase impraticável, a rede telegráfica foi concluída em 1906, com 1.747 km de extensão e 17 postos telegráficos.

Não ficaria nisso, porém, a atividade do dinâmico militar patricio relacionada com as comunicações de nossa terra. Regressando em novembro de 1906 ao RIO, é convidado, logo em seguida, pelo Presidente AFONSO PENA para chefiar a Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas de MATO GROSSO ao AMAZONAS, criada a 11 de março de 1907. Desde logo, ficou também a Comissão encarregada de todos os trabalhos geográficos, botânicos e mineralógicos, que conduzissem a um melhor e mais completo conhecimento da área percorrida, bem como do estudo das populações indígenas encontradas.

Realizadas as primeiras explorações e iniciados os trabalhos preliminares, parte a expedição da Vila de DIAMANTINO, no dia 2 de setembro de 1907, para a tarefa ingente, por muitos julgada irrealizável.

É interessante observar que RONDON, que tinha a preocupação de emoldurar a sua obra de uma feição científica e cultural, nunca perdia o sentido de que

estava prestando um serviço à sua terra, e o devotamento patriótico era uma constante no cumprimento da sua missão. Para exemplificar, destaco o episódio de sua chegada a uma aldeia de índios parecis, no dia 7 de setembro de 1907. Organizou RONDON uma significativa comemoração do dia da Independência do Brasil, com toques de corneta e salvas de foguetes, tendo como motivação inusitada o hasteamento da Bandeira Nacional realizado por um índio! Era, sem dúvida, um extravasamento do seu civismo e do respeito que tinha aos símbolos pátrios, e que ele procurava incutir no espírito de seus irmãos nativos.

Prosseguiu RONDON na sua gloriosa empreitada, vencendo a topografia ingrata, a flora assustadora e a fauna hostil, com sacrifícios enormes por parte de todos os membros da expedição, afastados das famílias e em território desconhecido e longínquo. O risco de vida era a parte vaga da missão, e muitos encontraram a morte objetivando cumprí-la. O próprio RONDON, por diversas vezes, teve a sua vida ameaçada, mesmo por aqueles a quem procurava pacificar e civilizar. A bandeira de sua arma, hoje peça histórica, ainda tem nela espetada a flexa com que um índio nhambiquara o alvejou, quando ele, pela primeira vez, entrou no território dessa grande nação dos "orelhas-furadas".

Dentre as dificuldades vencidas, há um episódio que é importante destacar pela sua repercussão histórica. Numa determinada travessia de um trecho do terreno, defrontou-se a Comissão com o chamado "areião", ou seja, vasta parte da floresta onde o solo era frouxo, sedimentar e inconsistente, não permitindo a passagem dos incipientes caminhões da época, que levavam o apoio à Comissão transportando víveres e material pesado. As rodas dos caminhões afundavam no terreno, girando sem firmeza no solo e impedindo o prosseguimento dos veículos. Feito um reconhecimento em torno, verificou-se que esse tipo de solo tinha léguas de extensão, e a alternativa do seu flanqueamento tornaria mais penosa e retardada a já árdua e longa tarefa da expedição.

Foi aí que a genialidade de um integrante da Comissão, o Tenente EMANUEL SILVESTRE DO AMARANTE, despondou: — aplicar às rodas dos caminhões em princípio já conhecido da Física a "correia-sem-fim", mas ainda não usado nesse mister de mover viaturas. Rapidamente mobilizou o pessoal e as oficinas que acompanhavam a expedição, tais como a ferraria e a carpintaria, na execução de seu projeto. Cortando a madeira em pequenas sapatas de seção retangular e unindo-as com elos de ferro de forma flexível, construiu pequenas esteiras, unidas nas extremidades, que eram, em seguida, adaptadas às rodas dos caminhões.

O primeiro veículo, assim preparado, atravessou o "areião" de ponta-a-ponta e retornou à origem, entre vivas de contentamento do pessoal envolvido no projeto e abraços ao Ten AMARANTE, que os recebia modesto e sorridente. Todos os outros veículos foram preparados com as esteiras de madeira e, carregados, atravessaram aquele obstáculo do terreno.

O "areião" tinha sido inteiramente vencido! Mas, ele servira de estopim para detonar a inteligência e a genialidade criativa de um jovem militar brasileiro,

que naquele interior bravo, sem os recursos de uma tecnologia apropriada, inventara, dera um "jeitinho" e solucionara um grave problema da Comissão RONDON.

Mais tarde, os carros de combate da I Grande Guerra, os bisavós dos nossos monstros de aço atuais, viriam equipados com esteiras metálicas, dentro do mesmo princípio. Assim, deixo aqui consignado que, quando tivermos os nossos carros de combate inteiramente fabricados no Brasil, o nome de Ten AMARANTE deve ser lembrado para a primeira série, num preito de reconhecimento e justiça.

Foram oito anos de um labutar constante, ao fim dos quais o "impossível" empreendimento estava concluído. A Comissão RONDON construíra cerca de 2.268 km de linhas e instalara 25 postos telegráficos, além de múltiplas outras realizações no campo científico, social e político. Nunca RONDON esquecer a sua tarefa de bandeirante e, por todo o percurso, ao longo do itinerário das linhas, em lugares apropriados, particularmente junto aos postos telegráficos, mandou fazer plantações e pastorear o gado. Eram pequeninos núcleos, que facilitariam aos vindouros a travessia daquelas regiões bravias, mas eram, também, botões populacionais, que haveriam de abrir-se em grandiosas cidades no amanhã. Dele se poderia dizer, como BILAC, na voz que FERNÃO DIAS escutava:

.....
Tu foste, como o sol, uma fonte de vida.
Cada passada tua era um caminho aberto,
Cada pouso mudado, uma nova conquista!
.....
Teu pé, como o de um deus, fecundava o deserto!"

Muitos outros relevantes préstimos desempenharia o nosso ilustre Patrono da Arma de Comunicações à nossa Pátria; e a sua fé de ofício, que cobre mais de meio século à serviço de sua terra, é realmente uma "farta messe de belos exemplos", de há muito sentida e compreendida por todos nós.

Alquebrado, em sua gloriosa velhice, falece o incansável indianista no dia 19 de janeiro de 1958, aos 92 anos de idade, na cidade do Rio de Janeiro, capital da República que ajudara a criar, e que, como Corte, o recebera, jovem idealista, há setenta e sete anos passados.

Segundo a doutrina positivista, cuja crença adotara, ardente e convicto, ele apenas se Transformara, deixando a vida objetiva, para outra vida subjetiva, despendendo-se das suas finalidades puramente egoísticas de natureza biológica. E, como bem nos ensinou LUIZ HILDEBRANDO DE BARROS HORTA BARBOSA, no dia 12 de Homero de 170, na Comemoração Fúnebre no Templo da Humanidade, durante a última fase do Sacramento da Transformação, consagrada a CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON

"A existência humana não é apenas de alegrias nem somente de dores. Momentos amargos e instantes jubilosos tecem a trama da vida de todos nós. Se queremos atravessá-la de modo digno, é preciso reconhecer, sem revolta, o seu cego fatalismo, que só os contínuos esforços da Humanidade, seguidamente, conseguem melhorar".

Anos depois pelo Decreto nº 47.709 de 27 de janeiro de 1960, é criada a Arma de Comunicações, e pelo Decreto nº 51.960 de 26 de abril de 1963, foi RONDON instituído como Patrono da Arma de Comunicações, vencidas que foram várias incompreensões conjunturais, pela luta incessante de um grupo coeso de oficiais da nova Arma, que anteviam no venerando chefe, o justo Patrono da Arma do Comando, pelo que realizou e pelo exemplo legado às futuras gerações da Arma. As ligações que fizera na nossa fronteira oeste permitiu aos Governos dos primórdios da República, um efetivo controle dessa vasta e afastada região brasileira, facilitando o seu comandante através das informações dela recebidas e das ordens que lhe eram expedidas.

Ao chegar ao final desta evocação, feita com palavras todas muito singelas em face da obra e da figura que procurei retratar, nesta homenagem que se presta ao Patrono das Comunicações do Brasil, quero voltar a BILAC, para dizer ao Marechal CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON, Bandeirante do Século XX, que passou privações e curtiu insônias, no hercúleo trabalho de integrar e interligar brasis, que:

“.....
Hão de frutificar as fomes e as vigílias!

.....
*Violador de sertões, plantador de cidades,
Dentro do coração da pátria viverás!”*

BIBLIOGRAFIA

1. RONDON, O BANDEIRANTE DO SÉCULO XX
– BANDEIRA DUARTE
– Livraria Martins – SP
2. ASPECTOS PSICÓSSOCIAIS DA VIDA E DA OBRA DO MAJ RONDON
– Desembargador ANTÔNIO DE ARRUDA
– Revista Militar Brasileira – Ano LII – Vol. LXXIX
3. RONDON, UMA RELÍQUIA DA PÁTRIA
– ALMICAR BOTELHO DE MAGALHÃES
4. RONDON CONTA A SUA VIDA
– ESTER DE VIVEIROS
5. OS PATRONOS DAS FORÇAS ARMADAS
– OLYNTO PILLAR
– Biblioteca do Exército – 1966
6. POESIAS COMPLETAS
– OLAVO BILAC
– Editora Francisco Alves
7. RONDON, CIVILIZADOR DO SERTÃO
– Gen BENÍCIO DA SILVA
– Biblioteca do Exército – 1952
8. BENJAMIM CONSTANT
– TEIXEIRA MENDES
– Imprensa Nacional – 1936
9. COMEMORAÇÃO FÚNEBRE
– LUIS HILDEBRANDO DE BARROS HORTA BARBOSA
– Templo da Humanidade – 1958
10. MAJOR AMARANTE (Sua Vida)
– Dr. JOÃO AMARANTE
– Imprensa Nacional – 1972